



tatiana faia
um quarto em atenas



COORDENADOR DA COLECÇÃO
PEDRO MEXIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVIII

Eu pus-me a caminho de Stern e, de volta, parei para dar uma olhada à minha casinha. Só de fora; o meu irmão está lá dentro e acho que está tudo bem com ele. É por isso que eu não me importo de dar umas quantas voltas na rua.

OTTLA KAFKA, *Carta a Josef David*,
3 de Dezembro de 1916

SHERIFF BILL MCNUE: *Don't look at me like that.
I've been known to kill a man or two.*

MARY AGNES: *Yeah... so has lightning.*

Godless, 1.2

© 2018, Tatiana Faia e
Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Um Quarto em Atenas*
Autora: Tatiana Faia
Coordenador da coleção: Pedro Mexia
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Janeiro de 2018

ISBN 978-989-671-416-1
DEPÓSITO LEGAL N.º: 435 450/17

A BELEZA DOS TEUS AMIGOS

para o Ricardo Marques e o João Concha

tu estás à espera
da beleza dos teus amigos
na concentração de uns segundos
num parque coberto de neve
onde os bêbados regressam para tropeçar
onde os esquilos não hesitam
na venerável lápide de william blake

moorgate é onde há tempo
para encontros com estranhos
e é tarde demais para falar de centauros

e não foi no teu casamento
que se ouviu o som de cascos
que os lapitas se juntaram à confusão
tanto tempo depois os teus olhos sobre
os frisos feridos pelas operações da manhã
as mãos cobrem os olhos e sabem coisas
dois três gestos a cabeça contra as mãos abertas
tu a pensar nas mãos deles manchadas de sangue
proverbiais gestos patriarcais em mãos que se repetem

no teu casamento
os convidados não se mataram

uns aos outros para festejar
regressas a casa de noite
tens sido o estrangeiro que se observa
a partir do escuro
em janelas em que te acendes e apagas
uma cinematografia um pouco mais definitiva

nunca mais vai voltar a ser como isto
mesmo se ninguém voltou à tua casa
com a notícia de um parente morto
entre os exércitos numa cidade
distante o suficiente
para ficar perto da inconsciência
ou ser um pouco menos o que tu és
no conforto da distância
os teus pesadelos foram
sempre tão mais banais

avanças na última estação em direcção
a um pouco mais de nada
e há homens sentados nos bancos
de fatos e chapéus de chuva
eles entram e saem são rasos e incólumes
não amas neles a rotina medíocre
e sem história do conforto o sossego acomodado
os jantares pacientemente contados
durante as pausas nos cafés lembras-te
de que o contrário de estar vivo é isto mesmo

e continuas
até à saída até teres atravessado

completamente para o lado de fora
na esterilidade tão limpa deste frio
pensa que é bom estar aqui
quando nenhum poema te deve já
a articulação de um regresso
e o que se faz e rarefaz é um cálculo
o que estás disposta a trocar
por esta certeza, aqui e agora

AULA DE ARQUEOLOGIA

não, ela era bem como tu
como mais ninguém foi depois ou é ou virá a ser
e tu procuras ainda a última cara
a promessa do encaixe da mão no perfil
e isso acabou há tantos anos
foi antes mesmo desta cidade
um facto para ser coberto
por ruínas e areias e novas construções e desenterrado
quando alguém voltar para tactear
entre as omoplatas e a cavidade torácica
o que agora está descomposto
e foi esta coisa viva:
o corpo que tu usaste

escavado com o cuidado de pincéis que afastam o pó
quando os arqueólogos desta equipa puderem decidir
que o que em ti esteve vivo é apenas este golpe de teatro
uma coisa para ser guardada numa caixa insignificante
num museu qualquer um corpo são certos indícios
não um objecto estranho ou uma cidade
a que voltaste muitas vezes
ou outra cópia desse livro que amaste e que era
a única coisa a declarar num trânsito mortal
a um qualquer funcionário cansado
de um serviço de estrangeiros e fronteiras

um livro vermelho num dia de festa
demasiada alegria na mesa de um qualquer café
numa terra demasiado pequena para estranhos
como nós não serem olhados como estrangeiros
e o que em ti esteve vivo muito menos
do que esta atmosfera lunar
o último gesto do último dos teus começos

ela era como tu e no entanto deitou-se contigo
muito depois das estações terminais
um inverno tão completo como um naufrágio
tu falaste do calor da tua cidade até à mitologia
florencia acesa de guelfos e gibelinos
brancos e negros a tua violência é tanto como a deles
uma vontade cega sem inteligência sem civilização
atacar primeiro antes que te ataquem a ti
uma destas noites ao atravessar qualquer uma das pontes
trespassa-te um amor que não esperaste chegado
muito antes da ternura e do desprezo e reparas
como o frio por estas paragens enlouquece as pessoas

e tudo o que agora se vai partir
foram os teus arranjos o teu cuidado com os cacos
diz-lhes adeus enquanto ainda há música
e tu ainda não despiste as asas
não limpaste da cara o pó-de-arroz
e o amor que carregas contigo
não é ainda doente como um longo cuidado
indigno de aparatos e sem concerto
porque para isto nunca nada esteve pronto

de manhã na estreiteza da passagem
quando tudo for inadiavelmente mais claro
e as lanternas de papel humilhadas de chuva
balançarem nos ramos como um passado
tudo factos que permanecerão desconhecidos
por exemplo: só o tropeço existe de verdade
e isso é porque insistes desde sempre
em usar sapatilhas um tamanho acima
e o dono do bar é um homem envelhecido
que rola as pipas para o mundo subterrâneo da cave
por um alçapão aberto no pavimento
como um encenador prepara a sua cena
sozinho na manhã que rompe em laranja e negro
ambos privados de profecia
apenas tu testemunha e ele testemunhado

e qualquer magia fica com o empregado que o ajuda
o seu trabalho pesado e difícil de besta de carga
a solidão solene dos dois no gelo desta manhã
por algumas moedas e guarida
este rapaz com os braços apoiados na superfície do chão
as pernas a desaparecerem escada abaixo
thomas bernhard empregado de loja
uma infância entre pontes, montanhas, nazis
um pai que nunca chegou, que teve de ser procurado

à espera da próxima carga de braços abertos
num peito que a partir daqui
não vai poder encher-se de ar que chegue
mas por enquanto naufragado num charco

de cerveja escura e espessa
e com a cor e o cheiro do mel
entre o chão e o subterrâneo
tu pensas é ainda tão cedo

e quando anoitecer e tu caminhares
na escuridão da rua para a tua casa apagada
nestes quarteirões carregados de neve
onde cada vez menos dos teus amigos se riem
e onde se acendem os últimos trompetes
e faz tanto frio que o metal da chave se contrai
e não podes sequer abrir a porta da tua morada
lembra-te que não foi esta noite nem este quarto
e aí onde estás desamparado como ficaste
não compres este momento por menos
não te apanhes a dizer
não foi isto o combinado

PASSAGEM & PASSAGEIRO

1.

os que chegaram muito depois
para fazer o meu trabalho
os instrumentos, os formulários, os cadernos
com que me encontrei mais tarde ainda
na vitrine de um armário
na escola de estudos bizantinos
lápiz, canetas, uma escova de dentes
fragmentos de uns óculos
nada nos diz como se partiram

e para lá de tudo os cadernos
onde com tanto cuidado ele
desenhou fragmentos
mãos, posições de cacos no terreno
pedaços de estátuas e acima de tudo isto
a força que liga e desliga
um homem do seu papel
e deixa para trás apenas
a marca de roda dentada
da interrupção
um certo número de vestígios

não inteiramente conclusivos
como naquela noite em que
um carro o esperou à entrada do prédio
e ele pôde ser visto a sair do lado oposto
o casaco encerado a camisa de xadrez
os jeans azuis escuros
todos os dias homens e mulheres
aparecem e desaparecem
ao serviço de uma vontade
que não lhes pertence

agora mesmo ele acende um cigarro
e tu podes ver como os olhos se contraem
se estendem ao longo da terra desperdiçada
do olival e tem sobre a mesa de ferro enferrujado
um saco de pano grosso e um caderno e uma caneta
e tudo em redor fala de fuga

não muito longe de onde
os artefactos da escola de estudos bizantinos
foram recuperados homens
ocupam-se quotidianamente
do trabalho de escavar os seus dias
ocupam os autocarros que os transportam
da periferia para o centro e de volta

para o mesmo sítio onde eu olhei
os guardas na praça syntagma
e entrei num autocarro vazio
enquanto o motorista fumava
e conversava com um japonês

que falava num grego perfeito
do lado de fora e vendo o aparato
dos guardas tantos meses antes da entrada
do exército para aplacar os nossos protestos
entendi a vergonha de pertencer a uma europa
que nunca vai ser nova o bastante
e à qual pode nem ser dado
vir a ser nova o suficiente

como explicar que como tudo
o que vive e apodrece tenho ocupado
os corpos dos que viveram antes de mim
que o sinal mais fundo das suas vidas
é a única pauta que tenho para fazer
o meu caminho erro atrás de erro
tentando conservar alguma boa vontade

2.

como começar tudo de novo
como aquela velha que me viu
do lado de lá da rede no laranjal
e me atirou uma laranja porque
achou que eu tinha fome
e eu não tinha fome nenhuma
meu só o divertimento de dar com ela ali
e eu não disse nada e ela não disse nada

e a dádiva dela é uma humilhação
a certeza de todos os gestos de que nunca me lembrei

de todos os que estão em falta
que se somam em sucessivos cadernos
numa ladainha de círculos
de volta a todas as conversas
que têm ainda de ser começadas
guardo laranjas para mais tarde

para lá do cansaço, da anestesia,
da banalidade suja dos dias
um fruto é da ordem do corpo
que os dedos gretados e envelhecidos
procuram por dentro da minha pele
atravessar a casca até conseguir
arrancar o que tinha de ser subtraído

porque pretexto de umas quantas coisas este corpo
e protege a ideia de que viemos mesmo
para o espectáculo da nossa destruição
e não exigimos menos
do que olho por olho dente por dente

como agora que sem vergonha e sem precisar de desculpa
de volta a uma vida que não quis tu a apontas
e ela é aquela mulher que se senta à mesa e se ocupa
das coisas da manhã e sente cada vez mais raiva
viaja da escuridão de túneis até à superfície e te vê
medeia de volta à rotina banal dos vivos
a quem a morte nunca vai tocar com um dedo sujo de pó
de volta à tua cidade, aos livros, canetas e cadernos
como se nada tivesse acontecido

ela abre ao meio a romã e os dedos sujam-se de vermelho
o terror acaba a esconder-se nas coisas mais banais
viaja connosco todos os dias
tu imaginas um desses rituais divinatórios
onde uma imagem distorcida do futuro nos visita
a partir das entranhas de um animal sacrificado

explico a minha convivência contigo
foi o que tu disseste
procurando por entre as coisas dela

um casaco azul gasto
a fotografia das mãos gastas no laranjal
ela tinha um seio a menos
um vestido preto sujo de pó
não tinha armas nem cavalos
não era amazona nenhuma
pode bem ser que nunca ninguém
tenha amado aquele corpo
para lá do que o seu riso contém
e tudo o resto não pode ser carregado contigo

os gestos dos outros continuam
a alastrar por dentro como a sequência
inesperada de uma composição

os dias enchem-se de histórias
de homens e mulheres partidos ao meio
as mãos dela são as que se ocupam
do trabalho do próximo verso
eu nunca escrevo nada

nem o fim é dela nem me será dado outro começo
enquanto ela escrevinhar
uma respiração sustenta-se e é tudo

AGRADECIMENTOS

Primeiras versões de um número restrito de poemas que compõem este livro foram primeiro publicadas nas seguintes revistas: *Enfermaria 6*, *Colóquio/Letras*, *Escamandro* e *Modo de Usar & Co.* Aos editores destas publicações, o meu obrigada. Por outros motivos, um agradecimento é devido aos editores da do lado esquerdo, Maria Sousa e Nuno Abrantes.

Há um grupo de pessoas que, ligadas à Universidade de Atenas, compõem a Plato Academy, responsável por organizar, contra a precariedade que tem caracterizado a Grécia nos últimos anos, uma escola sobre teatro que é, na verdade, uma escola de criatividade, o que me permitiu passar tempo na Grécia na altura de escrever poemas que se tornaram críticos para a existência deste livro. A Oliver Taplin, Platon Mavromoustakos, Mario Kallo, entre outros, assim como aos meus colegas em 2014 e 2017, o meu muito obrigada.

Nunca se sabe muito bem onde um poema começa, a barreira entre pensar sobre literatura e escrever é sem dúvida uma tênue parede através da qual se pode conversar (ao género dos diálogos entre Daniel Holden e Kerwin Whitman em *Rectify*). Para lá do meu ofício de classicista, o tempo que Oliver Taplin passou comigo a discutir versos de Homero ou a falar de teatro ou de figuras em

vasos gregos ensinou-me que o que parece superficial ou acessório (por exemplo, adereços, indicações de lugares, entradas e saídas de coros de palcos de teatro, a relevância de quem profere primeiras e últimas palavras, objectos fabricados por artesãos e deixados para trás, tudo o que indicia decisões que podemos apenas tentar reconstituir) não é sempre inteiramente evidente ou dispensável. Nos seus aspectos mais fundamentais, este modo de ver as coisas deu-me um método que está bem para lá do que se aprende com um orientador de tese e que, gostava de pensar, está vivo nas melhores partes deste livro. Por tudo isso, o meu muito obrigada.

Uma vez tentei explicar a um crítico que mantenho o hábito questionável de usar as pessoas que são parte da minha vida para escrever. Sendo isto mais ou menos irrelevante para o leitor, e decerto nem um pouco excepcional em relação a outros escritores, gostava, no entanto, que, desta vez, alguns nomes ficassem aqui inscritos, não tanto em género de *name dropping*, mas mais em linha com o tipo de vandalismo a que se dedicou o respeitável Lord Byron num certo templo do cabo Súnio. Antonella Di Marzio, Erato Basea, João Bosco da Silva, Chris Miller, Victor Gonçalves, Paulo Rodrigues Ferreira, Pedro Braga Falcão, Filipe Vieira Martins, Clara Crepaldi, Renan Liparotti, Carla Diacov, Sergio Maciel, Gastão Cruz, Fernando Guerreiro, Manuel Alves Pinto, Joshua Bayliss, Pedro Araújo, Ália Rodrigues, Taís Rocha, Juliano Spyer, Kat Waters, Simon Horton, Steffen Lund Jørgensen, Jean Pierre de Roo, Elliot Hurst, Sofia Frade, Pinelopi Flaouna, Shirley e Gordon Clark. Queria pensar que de alguma forma as errâncias com Ricardo

Marques, João Concha, Pauliina Haasjoki, João Moita, Victor Gonçalves, João Bosco da Silva, André Rodrigues, Francisco Nunes e José Pedro Moreira durante uns poucos dias numa Primavera em Lisboa ajudaram a trazer este livro à sua conclusão.

Ruy Belo, autor de poemas longos e inesperados, tem um onde se podem sublinhar muitos versos e que se intitula «O Elogio de Maria Teresa». É no sentido desses sublinhados que eu queria dedicar este livro a José Pedro Moreira.

ÍNDICE

A beleza dos teus amigos	7
Aula de arqueologia	10
Passagem & passageiro	14
Alguns poemas portáteis	20
Cinco visões do paraíso terrestre	26
O filho de Saul	40
O retorno, 2016	42
Café Kafka	46
Terceiras pessoas	51
Café drama	59
A morte de uma arquivista	63
Como reconhecer o seu escritor feliz	66
Aula de natação para Fedra	69
Anne Frank interrompida	73
Literatura para falcões	77
As ilhas do fim do dia	81
Velhas contas	86
A regra do jogo	90
Sophia entre os constitucionalistas	93
Ambros Aldewarth	97
O grande fardo de palha do poeta comprometido	101
My woman	104
Primeiro poema de Madrid revisitado	108
A mulher atrás do arame farpado	112

Leon de Modena	115
Bailey	119
Natureza morta com grão de sal	121
Lenta aprendizagem da desorientação	125
Quatro e um quarto	127
Tributo & tribulação	131
Um quarto em Omónia	135
A balada de Antoine & Frosty	140
Ganhar balanço	144
Agradecimentos	149

um quarto em atenas



de Tatiana Faia
foi impresso na Rainho & Neves,
em papel CoralBook de 90 g,
em Dezembro de 2017.